

Momentos de decisão

ESTADO DE SÃO PAULO

17 NOV 1965

JOÃO MELLÃO NETO



No momento em que escrevo este artigo — dia 16, pela manhã —, é praticamente impossível prever quem será o adversário de Fernando Collor no segundo turno. O critério científico claudica na medi-

da em que os institutos de pesquisa, na amostragem de boca de urna, mantêm profundas discordâncias entre si: o Ibope dá empate entre Lula e Brizola, o Gallup aponta chances maiores para Brizola, o Toledo, o Vox Populi e, com maior diferença, o Datafolha sinalizam para a classificação de Lula. Mas todos, sem distinção, estão dentro da margem de erro de 2% a 3%, o que não permite, dentro da racionalidade estatística, afirmar com certeza qual dos dois será o ungido.

Nem sequer a avaliação mística nos possibilita avançar nenhum resultado. Videntes, cartomantes, quiromantes, astrólogos, todos divergem entre si, o que demonstra que até as entidades espirituais se absterem de apresentar um resultado.

Vamos analisar, portanto, as duas alternativas. Em primeiro lugar a hipótese Collor x Lula.

Dentro do pseudocientificismo da análise política — salvo acidentes de última hora — a vitória no turno final pertenceria a Collor. Ele arranca, pela média das cinco pesquisas citadas, com pelo menos 30% dos votos, faltando-lhe 20 pontos percentuais para atingir os 50% necessários para vencer no segundo turno. Já Lula parte, na mais generosa das pesquisas, com 19%, faltando-lhe 31 pontos percentuais para chegar à vitória. Collor agregaria de imediato a quase totalidade dos votos de Maluf, Afif e Caiado (respectivamente 8%, 4,6% e 0,6%, pela média das cinco pesquisas), o que o alçaria ao patamar de 44%, faltando-lhe apenas seis pontos percentuais para a vitória. Não seria difícil a Collor obter tais apoios, uma vez que o eleitorado

desses candidatos — de centro e de centro-direita — tenderia a seguir Collor, mesmo que seus titulares não lhe declarassem apoio diretamente.

Lula, por sua vez, tem garantido apenas os seus eleitores e os de Roberto Freire, o que lhe dá um patamar garantido de 20% dos votos. No centro e na centro-esquerda, pelo menos metade dos votos de Brizola e Covas migrariam para Lula, independentemente do apoio declarado de seus caudatários. Como ambos somam 27% dos votos, é razoável supor que o patamar de Lula subiria, com tal aglutinação, para 33% das intenções de voto, faltando-lhe 17 pontos percentuais para a vitória. Ocorre que, dentro do mesmo raciocínio, uma razoável parcela dos eleitores de Covas e Brizola não seguiriam com Lula, mesmo que seus líderes lhes declarassem apoio.

O povo quer protestar contra o atual estado de coisas

Podemos supor, assim, feitas as devidas ressalvas, que Collor venceria. Mas isso só seria válido se a eleição fosse hoje. É preciso lembrar que ainda falta um mês para o segundo turno e muitas variáveis entrarão em jogo até lá. A polarização entre esquerda e direita, com dois candidatos de posições definidas e extremadas, levaria, fatalmente, a conflitos de rua e distúrbios civis, podendo haver feridos de ambos os lados, o que comoveria a opinião pública, em favor daquele que melhor conseguisse se colocar no papel de vítima.

A segunda alternativa: Collor x Brizola, complica bastante a vida do primeiro colocado. Brizola possui um alto grau de articulação política e é quase certo que atrairia para si os votos de Lula. Freire e uma razoável parcela dos eleitores do PSDB. O governo federal, discretamente, poria sua máquina administrativa a trabalhar pelo ex-governador do Rio (Sarney odeia Collor...) e vários governadores estaduais fariam o mesmo, só que de forma aberta e declarada, como é o caso de Quêrcia e Newton Cardoso. Não é arriscado

prever, nesse confronto, que Brizola teria mais chances que Collor, ressaltando-se, novamente, que ainda faltam 30 dias para o pleito.

Até aqui, estamos brincando de analistas políticos. Ocorre que a política não possui uma lógica cartesiana nem sequer segue, mormente, nas camadas mais humildes, preceitos ideológicos.

O povo, de forma geral, quer protestar contra o atual estado de coisas e dicotomias do tipo esquerda x direita, privatização x estatização, pouca paixão provocam nas massas. Como candidato de protesto, tanto Collor como Lula e Brizola se encaixam perfeitamente no papel, uma vez que adotam discursos veementes e timbraram na opinião pública a imagem de outsiders do sistema.

Nivelados nesse sentido, é previsível que os dois finalistas concentrem suas campanhas em temas morais e subjetivos.

Trunfos de Collor: imagem de coibidor de abusos e corrupção no serviço público, juventude e beleza física (o "beatiful vote" existe, principalmente em largas parcelas do eleitorado feminino), apoio financeiro e da imprensa eletrônica, o voto fútil (ele sai disparado na frente e tem muita gente que só vota no vencedor) e a "comunofobia".

Trunfos de Brizola: a experiência, a maior capacidade de aglutinação política, o apoio de diversas máquinas administrativas, o papel de "vítima" do governo autoritário e o voto útil da esquerda e do centro-esquerda.

Trunfos de Lula: a origem humilde, o discurso do "tostão contra o milhão", o apoio dos setores esquerdistas da Igreja Católica e o grau de convicção e aguerrimento da sua militância, sem dúvida a mais organizada e dedicada do País.

Calcanhar de Aquiles dos três: nenhum deles é exatamente aquilo que procura demonstrar para a opinião pública. A exploração dessas falhas, pelo lado adversário, terá um papel decisivo na hora da escolha.

Esperemos o desenrolar dos fatos...

João Mellão Neto é jornalista